



GENTE MELANCOLICAMENTE LOUCA

Teresa Veiga  
gente  
melancolicamente  
louca

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMXVII

# índice

© 2015, Teresa Veiga  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *Gente Melancolicamente Louca*  
Autora: Teresa Veiga  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

Edição de bolso:  
1.ª edição: Novembro de 2017

ISBN 978-989-671-403-1  
Depósito Legal n.º 432382/17

Objector de consciência .....	9
História triste com final alegre .....	43
A morte do cisne .....	51
A irmã Santo Suspiro .....	65
O dia em que Sherlock Holmes foi salvo pelo Capitão Fracasse .....	79
Natacha .....	103
A casa abandonada .....	129
Avaliações .....	157
Isabela — falso conto libertino .....	189
Negra sombra que me assombras — falso conto gótico .....	235
Cuidado com as algas verdes — falso conto policial .....	269

# objector de consciência

Alentejo, pós-25 de Abril. O protagonista é um rapaz de nove anos, de uma família de latifundiários com umas aventuras esporádicas nas artes e profissões liberais. O pai tem um curso superior e exerce a profissão de arquitecto, advogado ou médico, entre outras ocupações igualmente absorventes (a lavoura, as amantes, frequentes idas a Espanha, etc.). A mãe deve ser apresentada como uma mulher de ideias avançadas para o meio, muito elegante e excêntrica ou então de temperamento melancólico e com tendência para a depressão. Pode chamar-se Ester ou Cibele ou Eunice ou Dinora e um destes nomes será atribuído à filha, de dezasseis anos, que terá um papel bastante secundário, talvez meramente referencial.

Dinora, a mãe, tem uma vida agitada, à base de compromissos sociais. Mantém um grupo fixo de amigas, na vila, desde os tempos de colégio, e vai com frequência a Lisboa visitar outras, com quem

frequenta espectáculos, hospedando-se então num hotel. Todos os anos faz sozinha duas viagens ao estrangeiro, uma a Barcelona, na Páscoa, a uma famosa clínica oftalmológica (ameaça de glaucoma?), a outra a Londres para consultar o médico que lhe trata do útero e com quem vive uma relação puramente platonica. Na família do marido, de ascendência inglesa, há o culto do british system of education — Cibele foi enviada aos dez anos para um colégio na Escócia e a mesma ameaça paira sobre Ruben, apesar da resistência da mãe, fortemente ligada ao filho mais novo e à paisagem estupefaciente do Alentejo, e que da Inglaterra só suporta o Dr. Bryan.

Manter em suspenso um juízo definitivo sobre a honestidade sexual de Dinora, cujo comportamento não deve ser tão livre que lhe ensombre a reputação de mulher séria nem tão transparente que evite atribuírem-lhe pequenos desatinos.

A própria Dinora deve alimentar o clima de suspeição pelo cultivo do paradoxo e do aforismo, surpreendendo o público provinciano com as suas afirmações falsamente ingénuas, o tom confessional com que se entrega sem nada exigir em troca, a sinceridade deslocada, à maneira das crianças, erigida em regra fundamental.

Ruben faz nove anos — a idade da mutação, o fim da infância, segundo os padrões rígidos do pai — e o acontecimento é celebrado com uma grande festa.

A festa é um sucesso, como seria de esperar, apesar de alguns incidentes devidos ao comportamento

rebelde (outros chamam-lhe malcriado) do homenageado. À chegada dos convidados, carregados de prendas caríssimas, Ruben esconde-se na garagem, fazendo-se surdo aos apelos discretos da mãe, assiste com os dedos enterrados nos ouvidos ao ritual dos discursos e dos brindes cada vez mais confusos à medida que aumenta o grau de embriaguez dos oradores, recusa-se a apagar as velas do bolo de aniversário e é salvo por uma oportuna falha de energia eléctrica que se prolonga por uns minutos tumultuosos.

Dinora vai de um lado para o outro, esplendidamente bela no seu vestido negro drapeado com uma ponta mais comprida a bater-lhe no tornozelo e um ombro destapado (que as más-línguas dizem esquelético), brincando com as voltas do colar. As amigas de infância perguntam-lhe o segredo da sua juventude — tem trinta e sete anos e a pele lisa e sem mácula como a de uma donzela medieval — e ela aproveita para dar um dos seus shows efémeros:

— Tenho um marido perfeito (e aponta com o copo, sorrindo, o arquitecto muito envelhecido, de nó papillon, virado para dentro de um círculo onde se discute a reforma agrária), dois filhos magníficos, amigos. Haverá coisa mais desencorajante para se correrem riscos, entre eles o de envelhecer? Tenho dinheiro que chegue para pôr em prática os projectos que me interessam. Para mais, sou de fraca imaginação. Preciso de viver primeiro e só penso depois. Não quero parecer enfatuada mas dá-me vontade de dizer que me sobra o que tenho para o que quero.

Porém, na presença de Ruben, e isso é notório, ela mostra-se muito mais humilde e insegura, como se o filho representasse a parte mais perigosa da sua existência, o seu remorso secreto, a única razão que a faz acautelar-se dos homens e adorar o Deus escondido atrás das nuvens.

As amigas perguntam-lhe se sempre é verdade que Ruben vai estudar para a Escócia e ela vira-se para o marido e transmite-lhe a pergunta alto e bom som, num tom enfático e humorístico que deve ser entendido como uma provocação. O arquitecto entra no jogo e diz que é mais do que nunca urgente salvar Ruben das mãos de uma mãe super-protectora, que pretende reduzi-lo ao tamanho de um cãozinho de regaço.

Dinora vingá-se, atirando-lhe a bengala para a piscina. Pletórica, enche-se de álcool, dança desenfreadamente, toca ao piano tangos e baladas e obriga toda a gente a cantar «Olhos Negros», variando os ritmos até à exaustão.

No salão, as amigas comentam o snobismo do Sir em mandar os filhos para tão longe e predizem que há-de perder os dois sem por isso os tornar mais sábios nem melhores do que os que frequentam boas escolas portuguesas.

Nessa noite Dinora demora-se à cabeceira do filho e acaba por adormecer ajoelhada no tapete. Começa-se a perceber que entre mãe e filho o entendimento se baseia na fraqueza de ambos, num quase terror vivido solitariamente por a vida ser um enigma que conduz a outro enigma — a morte.

Flash-back sobre há cinco anos atrás, quando um médico diagnosticara a Ruben um desvio na coluna. Dinora não queria acreditar mas teve de se render ao prestígio do ortopedista; era mesmo corcunda que ele queria dizer. Nunca mais esqueceu a figura cilíndrica do homenzinho, ridiculamente pequeno e gordo, sorrindo para Ruben e oferecendo-lhe espátulas de madeira — generosidade que contemplava o futuro aleijado — e a ela aconselhando-a a ter calma, a conformar-se, a guardar as lágrimas para a altura própria.

Afinal a tempestade passou (tratava-se de um erro de diagnóstico), mas não antes de Dinora consultar dez médicos diferentes e sofrer agonias indizíveis nas salas de espera de hospitais e consultórios. Ruben ficou com uma ideia confusa de um mundo de gigantes feito de prédios altíssimos e homens vestidos de branco que o viram de todos os lados, escrevem a giz nas suas costas e também no peito e nas pernas, o mandam passear nu e o colocam sobre um pilar de onde não deve cair nem urinar para cima deles. Até que os médicos chegaram a um acordo e o resultado das radiografias foi considerado efeito de uma má postura crónica do menino e ele deixou de interessar como caso clínico e a palavra corcunda desapareceu do pensamento de Dinora e voltou a ter para ela uma conotação literária e quase abstracta como no tempo em que lia *O Corcundimba* da Condessa de Ségur e não percebia muito bem por que é que o menino carregava um peso nas costas e por causa disso era tão digno de lástima.

gente  
melancolicamente louca

foi composto em caracteres Hoefler Text  
e impresso pela Guide Artes Gráficas,  
sobre papel Coral Book de 90 gramas,  
em Outubro de 2017.



## NESTA COLECÇÃO

- |  |  |
|--|--|
| <i>O Retorno</i><br>Dulce Maria Cardoso                  | <i>Os Meus Sentimentos</i><br>Dulce Maria Cardoso                      |
| <i>Quando o Diabo Reza</i><br>Mário de Carvalho          | <i>O Osso da Borboleta</i><br>Rui Cardoso Martins                      |
| <i>Dezoito Palavras Difíceis</i><br>Luís Rainha          | <i>O Meu Amante de Domingo</i><br>Alexandra Lucas Coelho               |
| <i>E a Noite Roda</i><br>Alexandra Lucas Coelho          | <i>Gente Melancolicamente Louca</i><br>Teresa Veiga                    |
| <i>De Mim já nem<br/>Se Lembra</i><br>Luiz Ruffato       | <i>Uma Aventura Secreta do<br/>Marquês de Bradomin</i><br>Teresa Veiga |
| <i>Dois Rios</i><br>Tatiana Salem Levy                   | <i>Passos Perdidos</i><br>Paulo Varela Gomes                           |
| <i>O Verão de 2012</i><br>Paulo Varela Gomes             | <i>E se Eu Gostasse Muito de Morrer</i><br>Rui Cardoso Martins         |
| <i>Diário da Queda</i><br>Michel Laub                    | <i>Paraíso</i><br>Tatiana Salem Levy                                   |
| <i>Este Samba no Escuro</i><br>Raquel Ribeiro            | <i>Deus-dará</i><br>Alexandra Lucas Coelho                             |
| <i>Hotel</i><br>Paulo Varela Gomes                       | <i>O Último Amante</i><br>Teresa Veiga                                 |
| <i>Habitante Irreal</i><br>Paulo Scott                   | <i>A Guerra de Samuel e Outros Contos</i><br>Paulo Varela Gomes        |
| <i>Tudo São Histórias de Amor</i><br>Dulce Maria Cardoso | <i>Bilac Vê Estrelas</i><br>Ruy Castro                                 |
| <i>O Chão dos Pardais</i><br>Dulce Maria Cardoso         |  |